



ESTADOS UNIDOS

O alvo, agora, está no Pacífico

Forças norte-americanas atacam lancha que presumidamente transportava drogas na costa da América do Sul. Donald Trump anuncia que também haverá ofensiva terrestre aos narcotraficantes

Depois de semanas de monitoramento e ataques a supostas embarcações de narcotraficantes no Mar do Caribe, os Estados Unidos anunciaram, ontem, a primeira ação em águas internacionais do Pacífico Leste, na costa da América do Sul. O alvo foi uma lancha que presumidamente transportava drogas. Duas pessoas morreram. O ataque ocorre num momento de escalada de tensão entre os presidentes dos EUA, Donald Trump, e da Colômbia, Gustavo Petro.

Divulgado inicialmente pela emissora CBS, o ataque foi confirmado, em seguida, pelo secretário norte-americano de Guerra, Pete Hegseth, numa postagem na rede social X. “Havia dois narcoterroristas a bordo da embarcação [...]. Ambos os terroristas foram assassinados e nenhuma força americana ficou ferida neste ataque”, escreveu o chefe do Pentágono, sobre a ação que ocorreu na terça-feira.

“Assim como a Al Qaeda travou uma guerra contra nossa pátria, esses cartéis estão travando uma guerra contra nossa fronteira e nosso povo. Não haverá refúgio nem perdão, apenas justiça”, postou Hegseth. A mensagem estava acompanhada de um vídeo a cores, que mostra uma lancha em alta velocidade em alto-mar, até que é destruída totalmente.

Por terra

Mais tarde, Donald Trump alertou que o combate ao narcoterrorismo não se dará apenas no ataque às embarcações. O chefe da Casa Branca disse estar pronto para atingir de forma implacável os traficantes que transitam por terra.

O governo dará explicações ao Legislativo antes de proceder com esses ataques em terra, acrescentou o líder republicano aos jornalistas no Salão Oval da Casa Branca, sem mais detalhes. “Vamos golpear os muito duros quando vierem por terra, ainda não experimentamos isso”, enfatizou.

Desde o mês passado, os Estados Unidos mantêm estacionada nas águas do Caribe uma força composta por oito contratorpedeiros, um submarino, forças especiais, bem como uma dezena de caças F-35 em Porto Rico. Nessa campanha sem precedentes, as forças norte-americanas realizaram, no mínimo, oito ataques, que resultaram em 34 mortes.



Não haverá refúgio, nem perdão, apenas Justiça”

Pete Hegseth, chefe do Pentágono

O governo Trump, que fez da luta contra o crime organizado um de seus objetivos principais, alega que pode realizar esses ataques pois declarou os cartéis de narcotraficantes organizações “terroristas” em decretos presidenciais emitidos há meses. Washington se declara, portanto, em “conflito armado” com um inimigo que não tem Estado nem território definido.

Os críticos às operações, entre eles, governos da região como Venezuela e Colômbia, consideram que a Casa Branca não apresenta provas de que essas lanchas estejam transportando drogas. As embarcações, além disso, não representam um perigo para as forças navais destacadas no Caribe.

Houve sobreviventes de um ataque americano pela primeira vez na semana passada, mas Washington decidiu repatriá-los em vez de julgá-los por seus supostos crimes.

O Equador libertou um deles após não encontrar evidências de que tivesse cometido um crime, enquanto as autoridades da Colômbia disseram que o outro — que “chegou com trauma cerebral, sedado, drogado, respirando com um ventilador” — enfrentaria um processo judicial.

A ofensiva norte-americana provocou uma mobilização geral na Venezuela, de onde zarparam a maioria das chamadas “narcolan-chas”, de acordo com a versão do Pentágono. O governo de Nicolás Maduro, considerado líder de um cartel segundo os Estados Unidos, desafiou Trump a lançar um ataque contra o seu território.

Por sua vez, Gustavo Petro acusou Trump de cometer “crimes de guerra” com esses ataques. A escalada verbal entre Trump e Petro aumentou na semana passada, ao ponto de o norte-americano chamar o colombiano de “líder do narcotráfico”, e anunciou que cancelaria toda a ajuda ao país sul-americano.

AFP



Imagem retirada de vídeo divulgado por secretário de Guerra na rede X mostra o barco navegando

AFP



Os dois ocupantes da lancha morreram na ação realizada na terça-feira

A Colômbia retirou seu embaixador em Washington e convocou o encarregado de negócios norte-americano. Logo depois, porém, a chancelaria colombiana garantiu, em comunicado, que a intenção era “remediar o impasse atual nas relações bilaterais”.

Corte financeiro

A situação, contudo, não dá sinais de que caminha para o entendimento.

Ao contrário. Ontem, Trump retomou as críticas a Gustavo Petro e assegurou que Washington interrompeu todo o seu financiamento à Colômbia.

“É um meliante e um cara mau”, disse Trump aos jornalistas no Salão Oval, ao ser perguntado sobre a reprovação ao colombiano. “A partir de hoje, interrompemos todos os pagamentos à Colômbia”, acrescentou. No domingo, Trump adiantou,

em uma mensagem na rede Truth Social, que cancelaria toda a ajuda à Colômbia, que, por décadas, foi o maior aliado militar dos Estados Unidos contra o tráfico de drogas na América Latina.

“É melhor que se cuide, porque tomaremos ações muito sérias contra ele e seu país”, advertiu Trump. “Vou me defender judicialmente”, reagiu Petro ao tomar conhecimento das novas declarações de Trump.

PARIS



Laurence des Cars, presidente do museu, pediu mais segurança no Senado

Vigilância externa é falha, diz Louvre

Em audiência no Senado, a presidente do Louvre, Laurence des Cars, admitiu, ontem, que o sistema de videovigilância externa do museu, o mais visitado do mundo, é falho, aquém do necessário para garantir a segurança do prédio. Foram as primeiras declarações de Des Cars desde que ladrões invadiram a Galeria de Apolo e, em menos de oito minutos, levaram joias da Coroa com valor superior a US\$ 100 milhões (R\$ 538 milhões).

Após três dias, com um reforço na patrulhamento, o Louvre reabriu, ontem, as portas aos visitantes, enquanto sua presidente dava um panorama da situação aos senadores. A Galeria Apolo permaneceu fechada, com três painéis cinzas bloqueando a vista.

No depoimento, a presidente do museu destacou que os alarmes do museu funcionaram durante a ação dos quatro invasores, mas que as câmeras “estão obsoletas”. “O parque (de câmeras externas) é muito insuficiente, não cobre claramente todas as fachadas do Louvre”, disse Des Cars. “Infelizmente, no lado da Galeria de Apolo, a única câmera instalada está orientada para o oeste”, especificou, indicando que não cobria a varanda afetada pelo furto.

Paralelamente à audiência, o presidente francês, Emmanuel Macron, ordenou que seja acelerado o reforço da segurança no museu. As investigações mobilizam mais de 100 policiais, mas, até a noite de ontem, o crime não havia sido solucionado. O ministro do Interior, Laurent Nuñez, assegurou que há avanços.

Ferida aberta

No cargo desde 2021, Des Cars é a primeira mulher a dirigir o museu. Perante os senadores, ela desabafou: “É uma imensa ferida que nos infligiram”. A presidente chegou a apresentar sua demissão ao governo, que a rejeitou. “O Louvre, como muitos museus, não está preservado da brutalidade da nossa sociedade de hoje”, lamentou.

Des Cars defendeu a instalação de “uma delegacia de polícia” dentro do museu, sugerindo ainda outras medidas “a curto prazo”, como “a segurança das mediações do Louvre, especialmente na calçada”. No ano passado, o museu recebeu nove milhões de visitantes, 80% deles estrangeiros.

O assalto cinematográfico do último domingo ocorreu logo após a abertura do museu. Os assaltantes estacionaram uma empilhadeira sob uma das varandas e dois deles subiram nela. Com uma serra radial, eles entraram na sala através de uma janela.

Os ladrões roubaram nove joias, entre elas, uma tiara de pérolas da imperatriz Eugênia e um conjunto de colar e brincos de safras da rainha Maria Amélia. Na fuga, uma das peças, uma coroa, foi deixada para trás.

Menos de 24 horas após o assalto em Paris, trabalhadores de uma instituição em Langres, no norte da França, constataram o desaparecimento de moedas de ouro e prata.

GUERRA NA UCRÂNIA

Sanções contra petrolíferas russas

As relações entre os presidentes dos Estados Unidos, Donald Trump, e da Rússia, Vladimir Putin, chegaram ao nível mais delicado, ontem, depois que Moscou fez um violento ataque contra a Ucrânia, que deixou ao menos oito mortos, entre eles, duas crianças. Horas mais tarde, Washington anunciou sanções contra duas das maiores empresas petrolíferas russas, Rosneft e Lukoil, com o argumento de que Putin se recusa “a pôr fim” à guerra na ex-república soviética.

As medidas foram aplicadas um dia depois de Trump adiar uma reunião com o líder russo, marcada para Budapeste, ante a falta de progresso para deter a invasão ao território ucraniano. “Diante da negativa do presidente Putin

a interromper esta guerra sem sentido, o Departamento do Tesouro impõe sanções a duas das mais importantes companhias petrolíferas que financiam a máquina de guerra do Kremlin”, disse o secretário Scott Bessent, em comunicado.

Bessent destacou que Putin não foi “nem honesto nem sincero” durante suas conversas com Trump sobre o conflito. “O presidente está decepcionado com o estado atual das conversas”, disse o secretário do Tesouro em entrevista ao canal Fox Business.

Durante reunião com o secretário-geral da Otan, Mark Rutte, na Casa Branca, Trump externou a expectativa de que a situação com Putin volte ao eixo em breve. “Essas são sanções enormes [...] e

AFP



esperamos que não durem muito tempo. Esperamos que a guerra se resolva”, disse o republicano aos jornalistas no Salão Oval.

Grande parte da Ucrânia passou o dia sem energia elétrica após os ataques russos. Nas últimas semanas, Moscou intensificou os bombardeios

contra a rede de energia elétrica e as infraestruturas de gás do país, provocando apagões antes do inverno (hemisfério norte).

O chefe da diplomacia ucraniana, Andrii Sibiga, pediu aos aliados de Kiev que forneçam recursos, sistemas de defesa antiaérea e equipamentos para reparar os danos. O presidente Volodymyr Zelensky visitou Washington na semana passada, mas não conseguiu convencer Trump a fornecer à Ucrânia mísseis de cruzeiro de longo alcance Tomahawk.